

928
CAM



O
CAMINHO
DE
SÃO JOSÉ

* José Alberto Barreto

20-10-2000.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
Francisca Pinheiro Martins
RIO DOCE - MG

O CAMINHO DE SÃO JOSÉ

Toda realização humana é a concretização de um sonho anterior.

Recentemente, um livro de Paulo Coelho relembrou velho ensinamento ao escrever que, quando se sonha e se quer ardentemente uma coisa, todo o universo conspira a favor do que sonha e quer.

O que se segue, neste trabalho, é um sonho. Sonho nascido, aparentemente, de um caso de amor por Barra Longa e Rio Doce, através de mapas rodoviários dos dois municípios, postos em minha mesa de trabalho e que só fez crescer com o passar do tempo.

Aos que acreditam em bruxas, e eu sou um desses, mesmo sabendo que elas não existem, talvez o sonho tenha origem mais remota, tenha vindo de brumas do passado, herança não-genética, misteriosa, lembranças de vidas anteriores, será?

Talvez meu sonho seja simplesmente, pés postos no chão, resultado de saudades de meu pai e de minha mãe, ele de Barra Longa, ela de Rio Doce, ambos

circulando, namorando, casando, vivendo entre as duas cidades.

Quase vejo e ouço minha mãe, falando dos seus tempos de menina moça, a passeio em Barra Longa e, com as de seu tempo e idade, cantando feliz na volta para Rio Doce:

"Adeus Barra Longa,
Adeus São José...
Até para o ano,
Se Deus quiser..."

Gostaria muito que meu sonho fosse adotado por barralonguenses e riodocenses: tornar-se-ia realidade, com certeza!

Em 1.979, um mapa de Barra Longa chegou à mesa onde trabalhava, no DER.

Passei longo tempo a examiná-lo, cheio de curiosidade. Nele, alguns nomes pareciam ecos distantes de conversas ouvidas dos mais velhos: Gualacho, Crasto, Felipe dos Santos, Gesteira, Bonfim, Fazenda das Corvinas...

Uma surpresa: um povoado chamado Barreto. Alguma coisa a ver com a família de meu pai?

Onde ficaria no mapa o Sítio da Volta Grande, onde nasceram cinco de meus muitos irmãos?

O mapa de Rio Doce não chegou casualmente a minhas mãos: eu o busquei dois ou três dias depois. Recortando-os, juntei os dois pedaços e fiz deles um só: o mapa da terra de meu pai e o da terra de minha mãe (e minha terra também). No município de Rio Doce, o Córrego e a Serra da Batalha (que Batalha? de quem contra quem?), Fazenda do Porto Alegre, Fazenda do Marimbondo, o encontro das águas do Carmo com as do Piranga, formando o Rio Doce, em cujas margens, se situa o povoado de Santana.

Todos esses nomes, lembranças muito vagas, eram praticamente desconhecidos para mim, criado em outras paragens.

Os dois mapas, transformados em um só, não deixaram mais minha mesa de trabalho e foram comigo para casa posteriormente. Objeto de quase veneração, de encantamento, despertaram em mim lembranças e saudades de cuja existência eu não tinha memória consciente. Aos rios, riachos, montanhas, fazendas e povoados, juntaram-se nomes de pessoas de que ouvi falar, mas não conheci em sua maioria, personagens de histórias e conversas familiares que, para surpresa minha, pareciam surgir do passado e voltavam, quase vivas, a meus pensamentos, juntamente com as figuras de meus pais e de vários de "meus outros mortos"...

Marquei no mapa o local do Sítio da Volta Grande, que foi de meu pai e de seus ascendentes. Tracejei nele, também, o caminho do sítio à Fazenda do Marimbondo, margeando os rios e percorrido, praticamente a pé, por meu pai, minha mãe e os cinco primeiros filhos, quando a Volta Grande passou a ser passado, lembrança e saudade para eles. Como deve ter doído para meu pai esse abandono de suas raízes!

Essa viagem foi em 1.930, possivelmente abril ou maio. Tangido pela pobreza e pela esperança de oportunidades, meu pai transferiu-se para Rio Doce.

Minha terra natal foi, porém, apenas um pouso para o salto e a viagem maiores que trouxeram a família, já com dez filhos (uma morreu prematuramente), para Belo Horizonte.

Meu pai foi um dos pioneiros do êxodo que, em ritmo cada vez maior, despovoou os campos e inchou algumas cidades e as hoje chamadas regiões metropolitanas.

O caminho por eles percorrido, marcado em vermelho no meu mapa, me fez pensar, meditar, rezar, ruminar idéias, pensamentos e sentimentos, ficar engasgado muitas vezes, chorar também...

Um dia escrevi:

FUGA PARA O EGITO

Meu pai passou por aqui...
Já faz muito, muito tempo.
Parecendo São José,
Minha mãe, Nossa Senhora.
Tinham com eles burrinhos,
Carregando a tralha deles.

Uma sagrada família.
Só que com cinco filhinhos
E um xará, por sinal,
Do Menino de verdade.

Meu pai passou por aqui...
Se é que olhou para trás,
Antes da curva do morro
Que escondeu a Volta Grande
Do rio, raízes dele,
Deve ter até chorado.
E se minha mãe olhou,
Antes da curva do morro,
Deve ter sentido medo.
Mas não foi da caminhada.

Meu pai passou por aqui...
E talvez descalço até!
Olhava mamãe cansada
E olhava a filharada.
Se Herodes nenhum havia,
Por que a ida ao Egito?
Meu pai e mamãe, coitados,



A igreja de Santo Antônio do Rio Doce

Meus irmãos pequeninhos,
Eram cena de presépio
Na estrada ensolarada.

Prometi a mim mesmo fazer eu também, a pé, a mesma caminhada. Homenagem a meus pais. Como se fosse uma oração, cheia de respeito e gratidão, que me fizessem - a caminhada e a oração - crescer em meu caminho e evolução pessoais, como ser humano, como marido, como pai.

Em minha cabeça, os mapas, o traçado dos rios, o caminho por mim desenhado ligando Volta Grande à Fazenda do Marimbondo (destino final da minha família naquela viagem), tudo isso permeado por meditações e lembranças, a imagem de meu pai foi se confundindo, pouco a pouco com a imagem de São José...

Isto me levou a escrever:

SÃO JOSÉ DE BOTAS

O São José de meu pai,
Na igreja de torreão
A légua da Volta Grande
Do rio que o viu nascer,
Era grande, usava botas.
Bem diferente do meu,
Menino de outro chão,
Sem rios, torres e grotas.
E tantos anos depois
Que meu pai silencioso
Da gente se despediu,
Inda o tenho junto a mim
Em pedaços de memória,
Em restos de ouvir falar,
No que me sobrou de fé...
Agora, sou pai também
E pus meu pai num altar:
Só o vejo, só o sinto
Como um São José de Botas...

Já nas barrancas do Doce, um pouco além da Fazenda do Marimbondo, o povoado de Santana, velho de quase três séculos, testemunha o deslizar aparentemente eterno das águas do rio, cujo borbulhar eu às vezes imaginava ouvir...

O caminho que tracei no mapa me dava, às vezes, a sensação de também ter participado da caminhada e de ter partilhado o medo, a esperança, a tristeza, e a alegria, que certamente, enchiam, então, os corações de meus pais.

Esse caminho, que eu acabei chamando de "Caminho de São José", ampliado até Santana, foi se tornando para mim, sempre às voltas com o mapa, símbolo de amor, de casamento, de paternidade e maternidade responsáveis, de luta a dois, de "até que a morte nos separe", de partilha de dores, alegrias, risos e lágrimas. O caminho de um José, desde a sua casa, até à casa da Maria, que amou...

Cheguei a sonhar com o "meu" caminho de São José...

E os sonhos me segredaram que, quem percorrer esse caminho, a pé, encontrará em si mesmo condições para a construção de um grande amor, consciente e

responsável, capaz de durar até e além da morte física, o amor fantasiado no coração de todo ser humano, pois é o sentimento mais profundo achar José sua Maria um dia...

Em dois ou três dias de caminhada margeando o Carmo e o Doce (onde tudo começou em nosso Estado!), quem tiver ouvidos e olhos "capazes de ver, ouvir e entender estrelas", além de encontrar ou fortalecer o grande amor de sua vida, escutará também batuques, perceberá ecos de canções de amor, de gritos de revolta, sangue e morte, de nossos ancestrais, índios, negros e brancos, tudo sepultado por trezentos anos de histórias e de História que não convém esquecer, muito menos desconhecer.

BARRA LONGA

Além de índios, habitantes da região por milênios, já havia brancos e negros na Barra Longa de 1.730. A paróquia foi criada aos 21 de outubro de 1.741.

Pesquisador respeitado, o cônego Trindade deixou obras de reconhecido valor sobre a cidade, o município e a região. Empregou seu talento, também, em pesquisas



A igreja de São José de Barra Longa,
antes da reforma que descaracterizou
sua fachada barroca.

genealógicas em que ignorou índios, negros e brancos “ilegítimos”...

Fez afirmações assim o consagrado historiador:

“...são legítimas, portanto, e muito bem nascidas, as diversas gerações aqui inscritas. Suspeitasse eu levemente de alguma ilegitimidade e o título não seria composto...” e “...não inscrevemos o filho natural, conquanto solenemente perfilhado nesta escritura...”

Como se lê, somente os “bem nascidos” contam. Filhos “naturais”, mesmo com documento assinado pelo pai, não existem nessas genealogias. Índios e negros, então!...

Não resisti à tentação e escrevi:

GENEALOGIAS

“Ora, direis... “perdeste o senso”?

Os penta? os tetra? os tri? os bisavós?

Buscando alguém a quem queimar incenso?

E aqueles que morreram em xilindrós?

No altar ou preso, o trabalhoso censo

Vou costurando, e que me ajudem os Jós,

Pois parentalha é um cipoal imenso,
Nem sempre é fácil desatar os nós...

E quem é pai de quem aqui no mundo?
Se nem o sabe o santo do oratório,
Merece fé o dado do cartório?

No tempo enorme, um poço tão profundo,
Adão é pai, do santo e do finório.
E Eva é mãe. O resto é papelório...

Longe de mim desvalorizar a genealogia dos "bem nascidos", dos "legítimos", dos de "sangue puro" como se dizia nos documentos de antanho. Mas importa para mim, muito mais, a vida "real", cheia de energia que ninguém controla, obra muito mais de instinto que de qualquer outra coisa, sacramentada ou não por cartórios e por sacristias.

Vida de que resultamos nós, todos os humanos.

Vida que merece ser pesquisada - a que passou - para benefício e crescimento desta e das gerações por virem.

Com certeza, outras obras existem, de interesse dos barralanguenses. "Entrelaçamento", de Luiz da Costa

Tavares, por exemplo. E muito documento ainda há, às vezes empoeirados e bolorentos, à espera da curiosidade, da paciência, e do talento de pesquisadores dispostos a buscá-los onde jazem.

RIO DOCE

Sobre minha terra, que me faz lembrar um presépio, muitas informações constam da obra do citado cônego. Com relação à sede do município, em "Pai Ava", Luiz Pinheiro conta a saga de seu antepassado, o maranhense Antônio Conceição Saraiva, pioneiro no lugar.

Dagmar de Araújo Lima, em "Tecendo o Fio dos Fatos", registra histórias de sua família e de outros personagens da história local mais recente.

Em 1.998, Hércio Pinheiro Moura brindou os que amam Rio Doce com seu trabalho "Rio Doce...doce...Rio".

Depois de ler "Pai Ava", eu mesmo escrevi:

"Rio Doce é o nome de minha terra que, acredito, também tem palmeiras onde cantam sabiás. Não sei dizer, a vida me tirou de lá bem cedo". (Será que sabiás

cantam em palmeiras? Pássaros pretos sim, mas sabiás?).

Vindo ainda criança para Belo Horizonte, minha terra tornou-se um amontoado de informações misturadas de qualquer jeito e, com o passar do tempo, destiladas e tornadas reais só para mim, uma realidade em que se misturam raros nomes de pessoas, poucas imagens, alguns sonhos, barulho e cheiro de fumaça de trem-de-ferro, café-com-pão-manteiga-não- café-com-pão-manteiga-não, e perfume de incenso queimando em turibulos balançados por coroinhas, entre os quais não cheguei a ser incluído.

Minha terra, pois, é tão desconhecida para mim quanto para os moradores das outras, todas as outras aldeias do planeta, de Nova York e Tóquio a São José do Goiabal e Santa Rita do Ibitipoca, passando, é claro, por Belzonte.

Assim, foi uma surpresa deduzir, ao ler "Pai Ava", de Luiz Pinheiro, que Rio Doce tem uma particularidade que precisa ser narrada ao mundo inteiro, pelo Papa (não é ele que fala "urbi et orbi"?) ou pelo prefeito municipal de minha terra.

Nascido da iniciativa de um maranhense, o pai Ava, apelido familiar carinhoso de Antônio Saraiva, o lugarejo era quase só uma capela, pelo mesmo construída e dedicada a Santo Antônio, Santo Antônio do Rio Doce. Morando nas proximidades, Saraiva aguardava, fazia muitos anos já, a construção, pela Leopoldina Railway, da estrada de ferro que, passando por ali, deveria chegar a Saúde (Dom Silvério) e a muito mais além.

Um dia, finalmente, vieram os engenheiros, empregados da empreiteira inglesa. O ano era mil oitocentos e oitenta, por aí...

Com seus instrumentos, pranchetas, teodolitos e sei-quê-lá-mais, demarcaram o adro da igreja do Saraiva, digo, do Santo Antônio do Rio Doce; traçaram no papel o trajeto da passagem da linha de trem-de-ferro, inclusive de um pontilhão; demarcaram os limites da "linha da marinha", relativa ao ribeirão que passa por lá; definiram o local onde seria construída a estação; dividiram a futura vila em lotes...

Estão percebendo? Minha terra, guardem-lhe com respeito e admiração o nome, Rio Doce, Santo Antônio do Rio Doce, "pirtim-pirtim" de Ponte Nova, muito antes

de Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e outras aldeias mais conhecidas, foi planejada por engenheiros e, depois, construída pelo Saraiva e sua mulher Virgínia (suíça, embora nascida no Rio de Janeiro) e por outros que a eles se juntaram, entre os quais descendentes de índios e africanos, portugueses, italianos, árabes, um começo de aldeia cosmopolita e rica de valores humanos, uma história que merece ser contada com detalhes e documentos. Quem se habilita, conterrâneos?"

Como Barra Longa, Rio Doce ainda tem tesouros ocultos, de sua terra e de sua gente, à espera de garimpeiros dispostos a pesquisas mais acuradas.

SANTANA

O povoado de Santana parece ter vivido dias de esplendor nos tempos coloniais e até meados do século passado. Hoje apenas Santana, já foi Santana do Deserto e, mais remotamente, Santana do Rio do Peixe.

Foi sede, em tempos antigos, de um Destacamento de Ordenanças, que poderíamos chamar de uma espécie de semente da atual Polícia Militar.

Ali existiu, palco de romarias há mais de dois séculos, uma capela em louvor à mãe da Virgem Maria, infelizmente destruída, mas substituída por imponente edificação, visitada por milhares de romeiros, especialmente no dia dedicado à padroeira, Santana.

BARRA LONGA...RIO DOCE...SANTANA... O CAMINHO DE SÃO JOSÉ

"Olha o que foi, meu bom José
Se apaixonar pela donzela,
Dentre todas as mais bela
De toda sua Galiléia..."

Era uma vez, José.
Que amou Maria.

De sua casa, partiu um dia, cheio de esperanças, para pedir, em casa da mãe da Maria, permissão para o namoro, o casamento.

Com a aprovação dos futuros sogros, embora houvesse outros pretendentes à mão da bela donzela, José e Maria se casaram.

E foram felizes por muitos e muitos anos....

Quem quiser viver experiência semelhante, descobrir ou solidificar um grande amor, faça como José. Saia de Barra Longa. Prepare-se para uma longa caminhada. Mas, se não for possível, vá a cavalo, de bicicleta, de moto, de carro...

Vá margeando o rio.

Não tenha pressa. Prepare-se física, mental e espiritualmente para a caminhada. Dois ou três dias em contato com a natureza. Haverá tempo para pensar, orar... Comece lembrando, por exemplo, que o rio, embora pareça o mesmo, está em constante renovação. Ninguém nunca se banha duas vezes no mesmo rio: lição dos mestres. Somos como rios também, em permanente renovação.

Só abandone a margem para uma visita à casa de Santo Antônio, em Rio Doce. Converse com o protetor de

namorados, promotor de casamentos. Volte ao caminho à beira-rio.

Santana espera por você, logo após o encontro das águas do Carmo e do Piranga, início do grande Rio Doce, que chegará ao mar no litoral capixaba.

Deixe o resto por conta da avó de Jesus, Santana.

O SONHO

Quando ficar muito rico - o que pode acontecer num desses fins-de-semana, com as megas e super senas da vida - vou criar uma ONG. Quem sabe uma Fundação?

Minha Organização-Não-Governamental vai usar o passado de Barra Longa/ Rio Doce/ Santana como plataforma de lançamento para ... o futuro!

Como não é proibido sonhar, como é bom ter a cabeça nas nuvens (embora seja prudente manter os pés no chão), essa ONG - não seria simpático batizá-la como "Organização-Não-Governamental Caminho de São José?" - teria alguns objetivos audaciosos, a serem alcançados a curto, médio e longo prazos.

Por exemplo:

1. ensinar às crianças^e jovens, nas escolas, a história de nossa bela região e de nossos antepassados;
2. resgatar detalhes e episódios dessa história de arquivos públicos e particulares onde jazem, preservando-os;
3. recolher da memória dos mais velhos as riquezas nela acumuladas, registrando-as e salvando-as, sempre atento ao ensinamento de que cada idoso que morre é uma biblioteca ou arquivo incendiados e perdidos para sempre;
4. não permitir que desapareçam tesouros da cultura popular regional, recolhendo lendas, histórias, crendices (por exemplo, colecionar histórias de "assombrações" e assemelhados), salvar do esquecimento total músicas profanas e religiosas, os cantos das coroações no mês de maio, por exemplo;

Arquivar em pastas

5. Fazer um levantamento das possíveis atrações turísticas naturais (cachoeiras, corredeiras, locais para prática de montanhismo, etc.) e de locais onde possam ser construídos albergues, "campings", pousadas;

Secção de Fotos p/ exposição

6. Como meta importante, retirar as cinzas, propositais ou não, que cobrem a história de nossos conterrâneos não-brancos, os negros e os índios de que se fala tão superficialmente nos livros escolares da "história oficial". Tornar conhecidas de todos, desde os primeiros anos de escola, suas vidas, os sofrimentos e humilhações de que foram vítimas, o extermínio quase total (dos indígenas). Ressaltar sua corajosa, comovente e, quase sempre, infrutífera luta contra o feroz racismo oficial e legal. Quem sabe ainda há restos de aldeias e quilombos que possam ser mostrados como monumentos à luta deles? Combater sempre o racismo e suas formas de manifestação;

7. Criar estímulos para que os estudantes barralanguenses e riocenses, que se interessarem pelo assunto, tenham condições de estudo e de pesquisa;

8. motivar as duas comunidades, irmanadas, a transformarem suas riquezas naturais-culturais-históricas-folclóricas em atrações turísticas capazes de trazer interessados em turismo rural, turismo ecológico, etc.
9. Realizar festivais e encontros (de que as duas jornadas médicas já realizadas em Barra Longa são um bom e promissor exemplo);
10. trabalhar em defesa dos rios, pensar em projetos de reflorestamento e de proteção de margens e nascentes, tentar salvar os remanescentes da flora e fauna originais; *combater as hidrelétricas que assolam as famílias*
11. devolver um dia à bela igreja de Barra Longa seu torreão lateral e sua fachada barroca; *e as esculturas da cúpula do altar maior da igreja de São João*
12. reconstruir a "Casa da Barra" e transformá-la, por exemplo, em hotel, ou em escola de música, ou em museu; reconstruir, também, a ponte de madeira que ligava, em tempos remotos, as duas margens do Carmo, em Barra Longa;

13. utilizar, para atrair barralenguenses e riocenses ausentes, além de turistas, as festas religiosas tradicionais, particularmente as de São José (19 de março e 1º de maio), de Santo Antônio, de Santana, as coroações do mês de maio, as festas juninas, as comemorações da Semana Santa, etc;

14. criar corais (infantis e adultos) e estimular e fortalecer bandas de música;

15. acima de tudo, implantar e estimular o turismo religioso-místico-esotérico representado pelo potencial da caminhada "Barra Longa - Rio Doce - Santana", o "Caminho de São José", que permitirá aos que o percorrerem a descoberta de um amor durável, sólido até a morte física ou mesmo além dela... e o fortalecimento de laços e estruturas familiares. No mínimo, o caminhante encontrará um amor que seja eterno enquanto dure, como sugere o poeta.

*

BARRALONGUENSES E RIODOCENSES

Somos o povo brasileiro, nem europeu, nem africano, nem indígena.

A presença humana em nosso trecho da Zona da Mata não é diferente do ocorrido em outros lugares, no Brasil e no mundo. Mas é a nossa história, nossa parte da grande aventura do ser humano, pontilhada de dor, sangue e violência, mas plena também de generosidade, altruísmo e realizações, sempre em busca do melhor, do mais justo, do mais honesto, sonhos em todos os corações e projetos em todos os cérebros humanos.

Quem foi que disse que o ser humano é alguma coisa entre o Tudo e o Nada?

A aventura nossa - brancos, negros e índios- de nossos ascendentes e de nossos descendentes, em nossa parte do Rio do Carmo e do Rio Doce, conhecer essa aventura e essa história, tirar desse conhecimento todo o proveito possível em favor desta e das gerações futuras, é este o ^{o propósito de São José} objetivo da ONG (ou da Fundação com que se sonha aqui).

Não é tarefa para um ou alguns sozinhos. Nem é tarefa para um mês ou um ano. Mas é tarefa que vale a pena começar a enfrentar.

É tarefa para muita gente, para muito tempo.

É tarefa para gente idealista e pragmática, para gente com a cabeça nas nuvens, mas os pés firmemente plantados no chão, gente unida, de mãos dadas.

Sonhei, mais de uma vez, ver tudo isso realizado e nossas duas cidades, renascidas e enriquecidas, unidas por um trezinho-de-ferro movido a Maria-Fumaça, mais uma opção para o Caminho de São José, por que não?

Ficam aí as idéias e as sugestões: sementes a serem examinadas, selecionadas e aumentadas, em número e qualidade, por nós e nossos filhos e netos.

Tomara encontrem terreno favorável à germinação e ao crescimento. Que seja grande a colheita!

(José Alberto Barreto) ✕

Endereço:

Rua Professor Lourenço Menicucci Sobrinho, 104

Bairro Mangabeiras - Cep: 30210-100

Telefone: (31)000 223-5474 - Belo Horizonte - MG

Alguns documentos, de fontes diversas, que mostram o quanto há, em livros, revistas, arquivos, etc., publicados ou não, para estimular na juventude o gosto pelo estudo de nossas origens, do passado que explica nosso presente e que encerra lições preciosas para a construção de um futuro melhor.

1. "Aos sete dias do mês de maio de 1.791 anos, dentro da capela de Santana do Deserto, filial desta Matriz, se deu sepultura a Manuel Monteiro, soldado caçador; não recebeu sacramento algum por morrer violentamente às mãos dos índios".

(Da obra do Cônego Trindade)

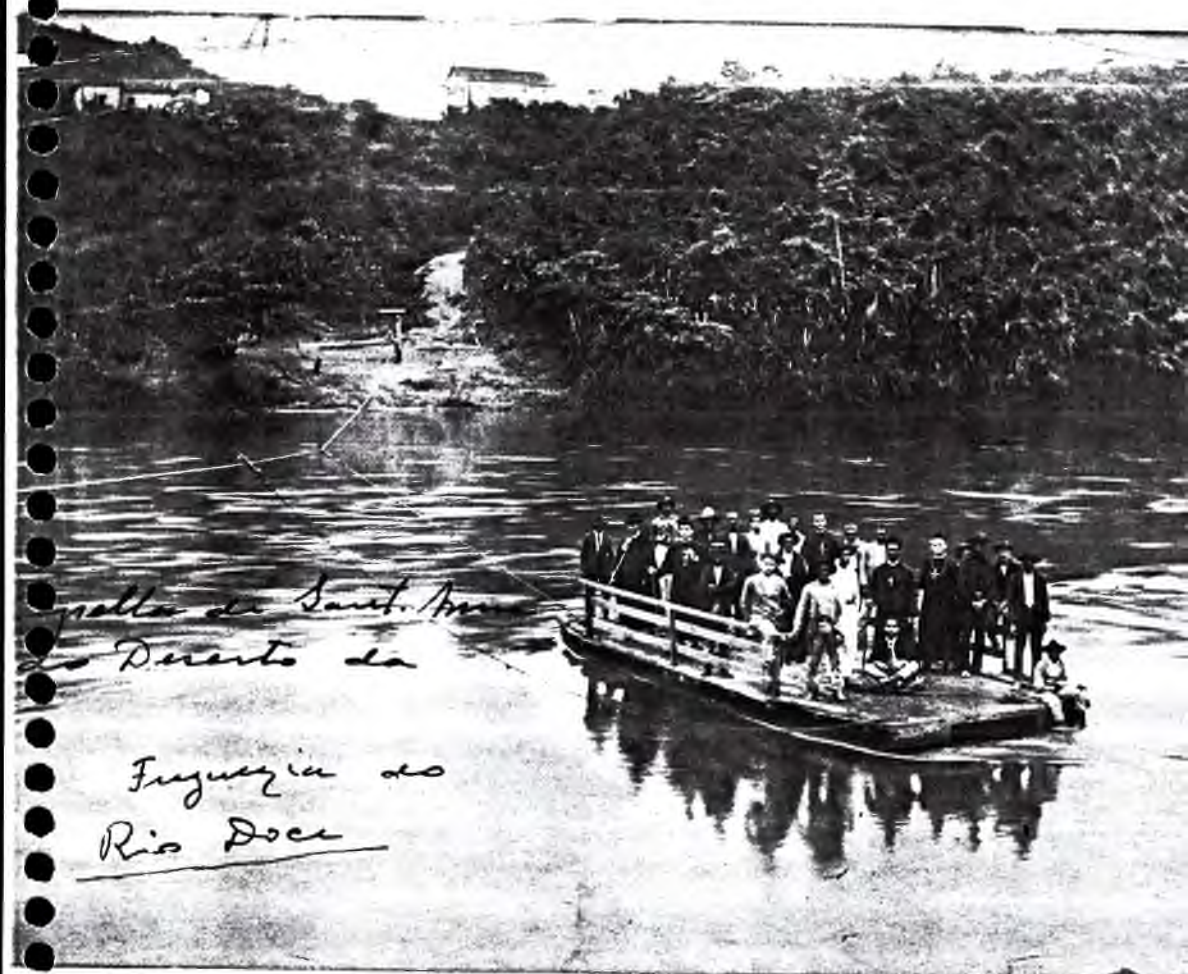
- a) quem eram esses "soldados caçadores"? talvez caçadores de índios?
- b) quem eram esses índios, chamados pejorativamente de "selvagens"? não eram apenas seres humanos lutando em defesa de suas vidas e da de seus familiares?

2. "Casa da Barra ou Fazenda dos Fidalgos: o nobre solar, erguido pelo seu primeiro possuidor, Matias Barbosa, é vasto, varrido de bons ares e ornado de uma extensa varanda para a qual se abrem catorze rasgadas janelas que iluminam, dentro, igual número de quartos. Está situado junto à confluência dos Rios Carmo e Gualacho, que ali se fundem para formar o São José..."

(John Mawe, em "Travels in the interior of Brazil", citado na obra do Cônego Trindade)

- a) algum barralenguense tem esse livro de Mawe?
- b) existem pelo menos ruínas desta casa? Por que não reconstruí-la?

3) "Devo que pagarei ao senhor Alferes Gualter Pereira Guimarães, ou a quem ele mandar, a quantia de cento e noventa mil réis, procedida de um negro por nome Manuel, de nação congo, cuja quantia pagarei a ele dito ou a quem mandar, da fatura desta a quatro anos, sem disso por dúvida alguma, a pagamentos iguais, para o que obrigo meus bens, especialmente o mesmo negro até a última e real satisfação. Para clareza, passo esse de



*capela de Sant. Ana
Diante da
Freguesia do
Rio Doce*

A antiga capela de Santana, hoje inexistente

minha letra e sinal. Barra, 20 de janeiro de mil setecentos e oitenta e oito. Padre José Lucas da Costa”.

(Documento encontrado no arquivo do Cônego Trindade)

- a) há um lugar em Barra Longa chamado Gualter: existiu ali a fazenda do citado Alferes;
- b) o vendedor, um Alferes. O comprador, um padre. Como se diria hoje em dia, tudo “gente fina”...
- c) o Manuel? um negro, uma coisa, uma mercadoria...

4) Sobre a paróquia de Abre Campo: “Esta paróquia, no entanto, não pôde manter-se em razão, sobretudo, de haver sido, quatro ou cinco vezes, atacada e uma literalmente arrasada pelo selvagem botocudo...”

(Da obra do Cônego Trindade)

- a) hoje, tanto tempo depois, temos o direito de perguntar quem era o “selvagem”, o botocudo, que se defendia, ou o português invasor e racista, para quem índios e negros eram coisas ou mercadorias?

b) "botocudo" é um nome, parece-me, vago, genérico. Quem eram ou quem foram esses povos?

c) "mocinhos e bandidos", "heróis e traidores", tudo depende do ângulo de que são vistas as coisas.

5. "No dia 6 do corrente mês, desapareceu desta cidade um escravo fugido do senhor... por nome de Frederico Africano, estatura ordinária, cheio de corpo, rosto redondo, retinto.... um pouco zambro das pernas, o que se observa, facilmente, levantando-se-lhe as calças... Consta que seguiu o caminho de Barra Longa... A quem o prender ou dele ter notícias exatas, se gratificará convenientemente, além das despesas. Ouro Preto, 11 de julho de 1.865".

(Do jornal "O Bom Senso", de Ouro Preto, 13 de julho de 1.865, citado no livro "Negros Fugidos de Minas Gerais", de Marina de Avellar Sena)

Sem comentários...

BIBLIOTECA MUNICIPAL

FRANCISCO P. MARTINS

RIO DOCE - MG

6. "Pelo Juízo Municipal desta imperial cidade de Ouro Preto e pelo cartório do Tabelião abaixo assinado, se faz público que, na audiência do dia 26 do corrente mês, depois das 11 horas, terá lugar a arrematação de seis escravos e animais diversos, pertencentes a..."

(Da obra de Marina Avellar Sena)

Seis escravos e animais diversos... Isto era o Brasil, outro dia mesmo...

7. "Povoaram-se então, num átimo, com os desertores do Carmo e Ouro Preto, as margens dos dois Gualachos, do Carmo, do Rio Doce até o Sem Peixe, e se além não foram nessa primeira investida é que naqueles sertões imperava ainda mais atrevido e mais bruto, o bárbaro botocudo".

(Da obra do Cônego Trindade)

Nas outras investidas, o "bárbaro, bruto e atrevido botocudo" foi catequizado (ou melhor, exterminado), pelos mansos, civilizados e cristãos recém chegados português e seus escravos...

8. "Aquelele risca, no morro, que nos está parecendo uma estrada, é um antigo rego de cinco léguas. Traçou-o e abriu-o, para lavrar todas estas encostas, desde Corvinas até Santana do Deserto, o mestre-de-campo Matias Barbosa da Silva".

(Da obra do Cônego Trindade)

A risca, visível até hoje, fica "na outra banda", como se diz em Barra Longa, isto é, na margem esquerda do rio. Era um caminho em busca de ouro, riqueza material de valor muito inferior aos tesouros que encontrará o que, hoje, palmilha o "Caminho de São José".

BIBLIOTECA MUNICIPAL
FRANCISCO P. MARTINS
RIO DOCE - MG